

# COLECTIO

## RELATÓRIO DE DIRETORIA

### Senhores Colecionadores e Senhores Investidores

O setor de artes plásticas alcançou nos últimos anos um impressionante desenvolvimento, chegando a ser considerado como um verdadeiro setor de mercado. Atividade mais marcante pelos interesses culturais e sócio-econômicos envolvidos, do que pelo efetivo montante das importâncias movimentadas. Realisticamente, devemos considerar que todo o movimento aberto (englobando vendas regulares em leilão, galerias e ateliês) no Brasil, durante o ano de 1972, poderia ser avaliado na casa dos 200 milhões de cruzeiros, o equivalente aproximado do movimento de apenas 4 ou 5 dias das Bolsas de São Paulo e Rio de Janeiro. Movimento inferior a 30 milhões de dólares, o que equivale a uns poucos leilões bem sucedidos das grandes firmas internacionais especializadas, como a Sotheby's, Christie's e outras.

Assim, devidamente caracterizado como um mercado incipiente, encontramos nele, nesses últimos anos, uma característica tipicamente nacional pela preponderante opção por parte do público na aquisição de obras de artistas nacionais ou estrangeiros aqui radicados. Este mercado, caracteristicamente nacional, não deixou de manifestar, embora em menor escala, aceitação para obras estrangeiras, como ficou demonstrado pelas vendas de óleos e gravuras de alguns mestres internacionais.

No mundo inteiro, além do mercado internacional de artistas clássicos, restrito a uma elite de compradores, e dos poucos modernos ou contemporâneos cujas obras são cotadas internacionalmente, verificou-se e verifica-se o mesmo fenômeno brasileiro: um ativo e marcante mercado nacional ou regional onde se alcançam preços correspondentes aos gostos locais e à dialética da procura e da oferta. É o caso da maioria dos pintores americanos, alguns dos quais alcançaram a casa dos 300 mil dólares por suas obras, ou de artistas modernos ou contemporâneos italianos, alemães, ingleses, americanos e israelenses, que tem mercados estritamente locais, alcançando preços que chegam a 100 mil dólares.

Estas cifras demonstram como as cotações aqui atingidas, mesmo pelos nossos maiores artistas, terão ainda uma maior valorização. Estamos acordando, portanto, para o mercado de arte, no qual relativamente poucos investidores de visão acabam de entrar. O mercado potencial até hoje atingido é quase irrisório, mesmo em São Paulo e Rio de Janeiro. Só levando em conta a faixa etária e econômica normalmente compradora nos países desenvolvidos ou em franco desenvolvimento, devemos estar ainda na casa de milionésimos de porcentagem.

O extraordinário crescimento econômico do país, o desenvolvimento do mercado imobiliário, da indústria turística e o sempre maior nível de vida, com o consequente desenvolvimento das necessidades de investimento, lazer e decoração, refletidos num setor mercadológico com extraordinária e tradicional liquidez, nos demonstram claramente a enorme potencialidade do mercado brasileiro de arte.

Como em qualquer outro setor de atividade, tivemos distorções, intrusões de elementos amadores, tentativas de super-valorizações através de manifestações bem organizadas (às vezes a oferta não consciente uniu-se a uma procura mal orientada). De qualquer forma, qualitativa ou quantitativamente, poucas foram as falhas, se comparadas com as de outros mercados possuidores de bem maior experiência.

Falta-nos ainda uma infraestrutura mercadológica. A crítica, em parte semi-amadora e primária, em parte derrotista e anti-nacionalista, por capirismo estrangeirófilo, ou influenciada por baírrismos e problemas pessoais constituiu um fator negativo. Outros, como um conhecido artista de sucesso no início da década de 60, hoje marginalizado do mercado, tentam realizar sua auto-promoção através de investidas incoerentes contra a nova realidade do mercado de arte nacional. É especialmente penoso o espetáculo que temos assistido nesses últimos dias por parte de críticos de arte que se arvoram em comentaristas mercadológicos, sem o menor preparo para tanto. E a eles fazem eco outros cronistas de quem não conhecemos nenhuma graduação em faculdades de economia.

Os "experts" constituem outro aspecto de anomalia natural num mercado incipiente. Falou-se, até demais, da decisão do prof. Edson Motta de não mais emitir laudos sobre autenticidade de obras a ele submetidas para exame; como se este afastamento pudesse provocar o caos. A Collectio lamenta a decisão do prof. Motta, mas considera que o mercado irá solicitar, como em outro qualquer país, a formação de maior número de técnicos e, principalmente, passará a dar maior atenção à procedência de cada obra de arte.

Uma adequada legislação fiscal está se tornando também cada dia mais necessária. A Collectio é a única firma no setor que opera comprando e vendendo obras do próprio acervo. Pleiteamos a isenção do ICM ou, pelo menos a sua redução, uma vez que em todos os países desenvolvidos é dada a máxima atenção às artes, verdadeiro teste do nível cultural de uma nação.

A carência de revistas ou publicações especializadas de gabarito, com a constante atualização das cotações de nosso mercado, é outra falha que precisa ser brevemente superada. Seria também desejável o maior intercâmbio com o exterior, onde se encontram muitas grandes obras de nossos artistas. Neste sentido, cabe também um esforço para a realização de exposições de artistas modernos brasileiros em outros países. Sempre que isto sucedeu, suas obras alcançaram grande valor nos países onde muitos deles se radicaram; casos de Cícero Dias, Sérgio Camargo, Piza e outros; ou mesmo em exposições internacionais, como aconteceu com Paulo Roberto Leal e Espíndola na última Bienal de Veneza, e mais recentemente com Marcello Grassmann em Roma e Florença. Finalmente, seria desejável uma maior integração nacional: grandes valores locais não são suficientemente valorizados e conhecidos além das capitais de seus próprios estados.

A Collectio concluiu o ano de 72 com a consciência de um dever cumprido para com os colecionadores, investidores e artistas brasileiros:

- 1- Realizamos sete leilões em São Paulo e um no Rio de Janeiro, que ser regeram pela quase totalidade das obras em lances livres dentro da dialética da lei da oferta e da procura e fora de qualquer artifício ou super-valorização fictícia.
- 2- Participamos, com obras de nosso acervo, de mais dois leilões organizados por outros empresários, nos quais nossas obras sempre foram colocadas em lance livre.
- 3- Reunimos um importante acervo de Tarsila, Volpi, Clóvis e Di. Cavalcanti apresentando-os em conjunto ao público. Oferecendo dezenas de obras de um artista simultaneamente, optamos pelo esclarecimento didático e o enaltecimento cultural de seus trabalhos, ao invés de uma especulação comercial a médio ou longo prazo.
- 4- Reunimos uma importante parcela da produção de Ismael Nery apresentando-a também em conjunto e fugindo à fácil especulação que poderia ter surgido após a tão comentada venda de seu auto-retrato, recordista de venda de obras brasileiras em leilão.
- 5- Abrimos um departamento para edição e comercialização de gravuras, acreditando neste meio de expressão como elemento da maior importância para a divulgação de nossa arte. Neste setor já executamos 59 tiragens de 21 artistas.

6- Construímos a nossa própria sede com salões para exposições e auditório, sendo a Galeria considerada como uma das maiores do mundo em espaços internos. Para sua inauguração, trouxemos da França um dos maiores artistas brasileiros da atualidade, Sérgio Camargo.

7- Realizamos a exposição ARTE/BRASIL/HOJE: 50 ANOS DEPOIS, empreendimento que num verdadeiro esforço de integração nacional reuniu obras encomendadas e adquiridas pela Collectio, de 175 artistas brasileiros contemporâneos. Proporcionamos assim, um conhecimento funcional do que está se criando entre nós e o estabelecimento de um paralelo entre as datas limites da Semana de Arte Moderna de 22 e da nossa atualidade.

8- Editamos um livro-documento de 400 páginas sobre ARTE/BRASIL/HOJE: 50 ANOS DEPOIS.

9- Realizamos mais três exposições, no Rio e São Paulo, em colaboração com outras empresas.

10- Trouxemos ao mercado, jovens como Paulo Roberto Leal, Espíndola, Tunes, Inácio Rodrigues, Ingres Speltri; bem como reapresentamos valores que estavam esquecidos, caso de Cuoco e Ferrari, de Nobauer e Charlotte Gross, dando ao público a possibilidade de aceitação e cotação do valor de suas obras.

11- Fornecemos ao mercado de capitais através da carteira de crédito direto ao consumidor mais de Cr\$20.000.000,00 de financiamentos com índices nulos de risco, insolvência ou até mesmo de atraso.

12- Procedemos a entrega para obras beneficentes de Cr\$ 241.000,00, no período de 1972.

A soma destas constatações e informações nos leva à mais absoluta certeza da irreversibilidade do processo mercadológico da arte brasileira, mesmo consideradas as limitações já mencionadas de ordem econômica e estrutural. E para esse desenvolvimento do mercado temos o crescente apoio que vem sendo dado por instituições financeiras ao crescimento do setor, através de uma sempre maior abertura de suas carteiras de crédito direto ao consumidor e o número crescente de novos colecionadores e investidores no mercado. É pois, com imenso prazer que comunicamos aos investidores e ao público alguns dados relativos ao movimento da Collectio em 1972, na certeza de que eles constituem substancial contribuição para a avaliação, quantitativa e qualitativa, da evolução do mercado brasileiro de artes plásticas.

1972	
Vendas (diretas e indiretas) no exercício	Cr\$ 27.829.432,00
Obras apresentadas	4.397
Obras vendidas	3.983
Total de compradores	1.022
Preço médio por obra	Cr\$ 6.987,05

1971	
Vendas (diretas e indiretas) no exercício	Cr\$ 6.392.480,00
Obras apresentadas	2.426
Obras vendidas	1.311
Total de compradores	210
Preço médio por obra	Cr\$ 4.766,08

## COLECTIO

sempre um museu em leilão  
São Paulo - fones: 80-5661 e 282-6936

Jornal do Brasil de 14/1/73